

# SOMBRAS ELÉTRICAS

por André Renato

EDIÇÃO 17

05 DE MAIO DE 2023

## OS 10 MELHORES FILMES DE 2023 (ATÉ AGORA)

No tempo de uma piscada de olho, chegamos já ao mês de maio. Alguns festivais importantes já aconteceram, como Sundance e Berlim, e muitos lançamentos já tentaram a sua sorte no circuito comercial - ainda mais agora que, aparentemente, todo mundo decretou o fim da pandemia (um tanto temerariamente, também é preciso dizer). Com isso, é possível que já tenhamos *quorum* mínimo para tentar eleger os melhores filmes do ano, até o presente momento - o que significa dizer, na prática, os melhores filmes do primeiro trimestre ou quadrimestre de 2023, com o risco de parecer aqueles enfadonhos índices de economia. Em julho, pretendo atualizar esta lista com mais resultados parciais; e, em dezembro, produzir a lista definitiva. Estabelecida a proposta, vamos aos critérios: escolhi filmes que tenham tido lançamento em festival ou em circuito comercial entre janeiro e abril deste ano, em algum lugar da superfície do planeta Terra - em qualquer lugar, inclusive os virtuais. Isso significa que não me ateno somente ao circuito brasileiro. Como toda lista, existe uma dose de seriedade e uma dose de brincadeira lúdica. Esse discernimento está bem claro para mim. De resto, passo a bola para que cada leitor estabeleça esse discernimento dentro de si mesmo.

### 2. *All That Breathes*

(Índia / Reino Unido / EUA, 2022, Shaunak Sen)

Exímia composição fotográfica e uma câmera de movimentos fluidos que passeia em meditação no meio do caos pré-apocalíptico, focalizando o trabalho dos dois irmãos que lutam para resgatar aves feridas e, com isso, talvez o último resto de humanidade no mundo. O estilo direto (sem entrevistas, quase nenhuma narrativa em off) faz parecer menos um documentário do que uma narrativa eivada de lirismo que brota da própria vida, organicamente. Essa história produzirá uma flor, a tese deste documentário-poema: toda vida é sagrada. Sem exceção.



### 1. *Saint Omer*

(França, 2022, Alice Diop)

A palavra cosmogônica: *fiat lux*. A palavra fundadora de mitos. A palavra fundadora de arte: literatura, teatro, tragédia. Na civilização da imagem (eletrônica) em que vivemos, por vezes esquecemos o valor e o poder da palavra. A palavra que cria, a palavra que transforma, a palavra que evoca. E que evoca feitiços, bruxaria, inclusive. A palavra que concede bênção ou maldição (mal-dizer). A palavra que destrói. Ou a ausência da palavra, igualmente letal.

Alice Diop não se esqueceu do que é a palavra e construiu todo o seu filme em função dela. O poder da imagem cinematográfica e o poder da palavra em um abraço tão apaixonado que até dói, um entrelaçamento, um amálgama quimérico. Sim, quimera: a palavra vive na imagem, a imagem vive na palavra.



### 3. *The Quiet Girl*

(Irlanda, 2022, Colm Bairéad)

As maiores realizações artísticas são sempre quietas, cozinhadas em fogo baixo. Tudo é trabalhado e expresso com sutileza. É a lição maior que nos legaram grandes cineastas como Ozu. Uma estética irrepreensível a serviço da verdade mais simples e pura do afeto, sem subestimar o horror de que o ser humano é capaz.



#### 4. *Joyland* (Paquistão / EUA, 2022, Saim Sadiq)

A arte do cinema, particularmente em sua forma narrativa, é dotada do atributo único de fazer o espectador encarnar no ser e no existir de outra pessoa. Isso traz, para a Sétima Arte, o poder todo especial de expandir o campo da sensibilidade e das experiências de vida do público, ainda mais quando se trata de sensações e experiências de um OUTRO diferencial, não-hegemônico, não-normativo. Valores humanos e democráticos de coexistência, diversidade e tolerância passam, necessariamente, pela forma narrativa: na literatura e, em especial, no cinema.

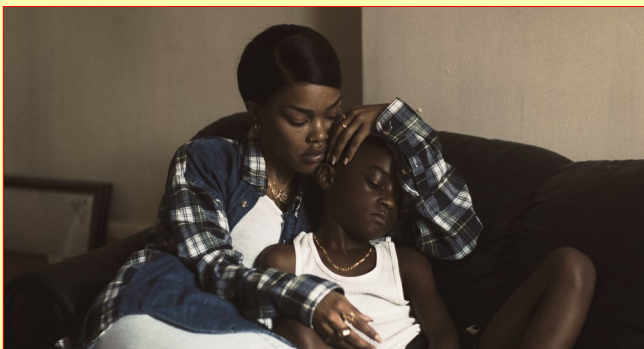
Como diz o personagem Montag (Oskar Werner), no *Fahrenheit 451* (1966) de François Truffaut, ao começar a questionar sua profissão de destruidor de livros em um mundo onde a língua escrita é proibida, iniciando-se no hábito libertador da leitura: “Por trás de cada livro, existe uma pessoa”. Acrescentaríamos: por trás, também, de cada filme; uma ou várias pessoas. E há filmes que realizam essa grande função de maneira magistral. Filmes como *Joyland*, do jovem cineasta estreante Saim Sadiq.



#### 6. *A Thousand And One* (EUA, 2023, A.V. Rockwell)

Exibido em *Sundance*, o longa-metragem de estreia da diretora estadunidense afrodescendente A.V. Rockwell é uma obra impecavelmente madura, sem perder a contundência que caracteriza os primeiros filmes de jovens cineastas. Traz a história de uma mãe (Teyana Taylor, que merece ganhar todos os prêmios que hover de melhor atriz), afrodescendente, que luta contra tudo e contra todos para criar o seu filho (interpretado na adolescência por Josiah Cross, que também merece copiosos prêmios), da melhor maneira como pode, em uma Nova York profundamente desigual e violenta, entre os anos 1990 e 2000.

É um drama intenso, quase visceral, que poderia facilmente descair para a pornomiséria, nas mãos de um diretor cheio de teses, mas com pouca sensibilidade social, sensibilidade humana. Não é este o caso de A.V. Rockwell. A sugestão de parábola, expressa no título, longe de prender o filme em uma camisa-de-força didático-moralizante, apenas faz por amplificar as verdades humanas que o longa-metragem traz.



#### 5. *The Plains* (Austrália, 2022, David Eastal)

O melhor do cinema experimental deste ano, até agora. Todo o poder expressivo da linguagem audiovisual a serviço da vida, a vida mais simples, cotidiana, banal. A narrativa que vemos aqui é aquela escrita pela própria vida, manifesta espontaneamente, sem estrutura, sem composição, sem roteiro. É a vida, apenas. O resto são processamentos, racionalizações, interpretações e reconstituições que criamos em nosso próprio espírito. A câmera apenas está lá, registrando, fixa no banco de trás de um automóvel, durante 3 horas inteiras.



#### 7. *Enys Men* (Reino Unido, 2022, Mark Jenkin)

Seria fácil desqualificar *Enys Men* como apenas mais um filme de horror. Ou, pior ainda: como um filme de *folk-horror*, *pós-horror* ou qualquer outro rótulo gentrificado que agrega valor aos biscoitos finos feitos principalmente pela produtora A24, hoje em dia.

Menos fácil, mas ainda perfeitamente possível, seria desqualificar o longa de Mark Jenkin como uma peça de experimentalismo cinematográfico fetichista e vazio, com seus letreiros e sua câmera de efeitos *vintage* dos anos 70. Mais um biscoito fino, na categoria dos sofisticados pastiches.

No entanto, qualquer uma dessas duas abordagens, empreendida de maneira exclusivista, deixaria de lado a grande contribuição artística trazida por este filme, a serviço da qual se empregam o rigoroso formalismo e as rigorosas fórmulas de gênero de *Enys Men*.

Trata-se de um mergulho assombroso (incluindo o sentido junguiano de “sombra”, enquanto lado mais “obsuro” de nossa psique) na alma de uma mulher atormentada pelo trauma individual (a difícil relação com a filha e o suicídio desta) e pelo trauma coletivo (papéis de gênero impostos às mulheres, principalmente às mães; objetificação sexual do corpo feminino com a consequente violência sexual; o puritanismo moral que assola sobretudo as mulheres).

Tudo isso é expresso, dentro do filme, segundo a estrutura mais solta e arquetípica do fluxo de consciência, do sonho ou do delírio neuro-psicótico, com direito a toda a hermetica simbologia, do que segundo formas narrativas racionais e lineares. É um filme difícil, que pede mais sensibilidade e vivência do que racionalização por parte do espectador.



**8. EO****(Polônia / Itália, 2022, Jerzy Skolimowski)**

Ao comentar *EO*, muita gente lembrou do *Au Hasard Balthazar* (1966), do Robert Bresson. Outra referência importante é o conto *O Burrinho Pedrês*, de João Guimarães Rosa, publicado no livro *Sagarana* em 1946. O próprio escritor o define como uma “história da carochinha para adultos”: uma peça filosófico-espiritual, meditativo-moral em que se pesa o sereno estoicismo da figura simples do burrinho contra a vaidade, a soberba, a índole violenta dos seres humanos e dos cavalos - com especial destaque para estes últimos, também no que toca à beleza aristocrática, majestosa dos equinos mais “nobres”.

Tais contrastes são o motivo que mais regula o filme de Jerzy Skolimowski, assim como o lirismo roseano e a adesão franca ao subjetivo projetado no burrinho também se expressam com bastante força aqui, apesar do viés jansenista que o aproxima mais de Bresson. O burrinho *EO* é um modelo de postura filosófica, mas isso não o torna um herói triunfal; a não ser, talvez, no sentido católico do santo mártir. Porém, em um mundo irreversivelmente abandonado por Deus.

**9. Mal Viver****(Portugal / França, 2023, João Canijo)**

Exibido no Festival de Berlim, *Mal Viver* é um filme de horror, para muito além do melodrama. Mas não o horror típico dos monstros à espreita e dos *jump scares*. Tampouco o horror de atmosfera ou o horror conceitual: *folk horror*, *post-horror*, chame do que quiser. *Mal Viver* é um filme de horror, porque traz o horror mais primevo, desde que o ser humano conquistou a consciência, horror que abastece pesadelos e consultórios de psicanálise: o horror das relações familiares (filiais e parentais), essa quimera de amor, ódio, ressentimento, projeção, narcisismo, negligência, compromisso, comprometimento.

O que assusta, particularmente, no filme de João Canijo, é a sensação de claustrofobia psicológica dentro do hotel no qual se passa o filme em sua totalidade, dentro da família que o administra, dentro da pele de cada uma das mulheres dessa família. O hotel parece mal assombrado, as pessoas parecem mal assombradas, como se arrastassem algum espírito malévolos; na verdade, espírito atormentado, sem descanso em sua busca por atenção, por afeto, por pequeno poder, por retaliação - esse espectro é bem conhecido dos psicanalistas.

**10. Alcarràs****(Espanha, 2022, Carla Simón)**

Rico em imagens quase tácteis, o filme se enraíza no cotidiano da família protagonista como esta se enraíza no pedaço de terra da Catalunha no qual produz seu sustento. Mas o que é lirismo na esfera das vivências individuais torna-se tragédia na esfera do histórico e do social. Essas duas atmosferas - a lírica e a trágica - giram em torno uma da outra, alimentando uma à outra, mantendo um equilíbrio e uma coerência admiráveis (e bem difíceis de serem alcançados). Assistimos ao filme com um sentimento que não é contraditório ou inconsistente, mas duplo, multifacetado, agridoce como a própria vida.

